

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

10,00
JAM

**REFLEXOS DO TENENTISMO NO MOVIMENTO ARMADO DE 1935
(Polícia Militar do RN – Resistência e Glórias)**

CÉLIA MARIA LINS DE MELO



Natal / RN

2001 .

CÉLIA MARIA LINS DE MELO



REFLEXOS DO TENENTISMO NO MOVIMENTO ARMADO DE 1935
(Polícia Militar do RN – Resistência e Glórias)

**Monografia apresentada à disciplina
pesquisa histórica II, ministrada pela
professora Denise Mattos Monteiro,
do Curso de história da Universidade
do Rio Grande do Norte, sob a
orientação do Professor Francisco
Fernandes Marinho.**

Natal/RN

2001

**À minha mãe, presença querida em
minha vida.**

**É incrível a força que as coisas
parecem ter, quando elas
precisam acontecer.**

(Caetano Veloso)

**Meus sinceros agradecimentos
à todos que de uma forma ou
de outra me ajudaram a
conquistar mais um objetivo
em minha vida.**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. MOVIMENTO TENENTISTA NO BRASIL.....	7
2.1 - Anos 20 no Brasil - País dos Tenentes.....	7
2.2 - Aliança Tenentismo - Comunismo	12
2.3 - Anos 20, anos 30 - uma Análise	14
3. ASPECTOS POLÍTICOS DO MOVIMENTO DE 1935 NO RN.....	16
3.1 - Período Interventorial do RN (Tenentes no poder).....	16
3.2 - Forças Políticas do Estado em 1935	20
3.3 - Ideologia do movimento de 1935 no RN.....	22
4. O MOVIMENTO DE 1935 EM NATAL.....	26
4.1 - O 21º Batalhão de Caçadores - Centro do Inconformismo e origem da Revolta de 1935 em Natal	26
4.2 - A Polícia Militar do RN - Resistência e Glórias	29
4.3 - Luiz Gonzaga - Mito ou Realidade.....	31
5. CONCLUSÃO.....	36
6. FONTES	37
7. BIBLIOGRAFIA	38
8. ANEXOS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos evidenciar o reflexo do pensamento tenentista da década de 1920, no Movimento armado de 1935, destacando a participação da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. De certo que a própria historiografia norte-rio-grandense não expõe com primazia tal participação.

Partindo do princípio de que grande parte da bibliografia consultada, à respeito do movimento de 1935, trata-o como sendo um movimento desenvolvido a partir dos quartéis, então atentemos para o aspecto de que, independente da ideologia política que levou à Revolução, podemos dizer que a ação do movimento foi efetivamente organizada sob a luz do pensamento tenentista.

Apesar das dificuldades encontradas pela escassez de fontes, o estudo aqui desenvolvido procurou discorrer sobre os aspectos políticos que nortearam o Brasil na década de 20 e de 30, e ainda, afunilando o assunto até o Estado do Rio Grande do Norte procuramos enfatizar a participação da Polícia Militar deste Estado, destacando a questão da mistificação da pessoa de Luiz Gonzaga, o qual é considerado hoje herói da PM/RN, reverenciado por ato de bravura em ocasião do combate entre “comunistas” e forças legais aqui no RN, em novembro de 1935.

O estudo ficou dividido em três partes. A primeira parte aborda o movimento tenentista da década de 20, direcionando o pensamento à Revolução de 1930, como sendo parte de um mesmo contexto político. Levando aí em consideração a inserção do comunismo na política brasileira da época e que servirá de apoio ideológico para o movimento de 1935. A Segunda parte deste trabalho procura retratar o quadro político local em que se deu o movimento. E por fim, a terceira parte destaca o movimento em Natal, enfatizando a participação da Polícia Militar do Rio Grande do Norte e por conseguinte a questão de mito ou realidade, que gira em torno da pessoa de Luiz Gonzaga.

Este assunto, encontra-se relatado através de vários historiadores nacionais e locais que procuram mostrar, meio obliquamente o assunto, porém serviram de efetivo apoio para realização desse trabalho de iniciação científica.

2.0 – O MOVIMENTO TENENTISTA NO BRASIL

2.1 - ANOS 20 NO BRASIL – PAÍS DOS TENENTES

Os anos 20 poderiam ser considerados os anos dourados da República Velha, um período marcado por tentativas de modernizações econômicas, pela urbanização, pela efervescência social, política, cultural, pela gestação de definições ideológicas. Nesse período com exceção do grupo cafeicultor que se beneficia do poder, todo país ansiava por mudanças. Tais mudanças tendiam para uma expansão do horizonte econômico e da participação política de grupos emergentes até então reprimidos pelas limitações impostas pela República Velha¹.

Para esses grupos especialmente para os militares, a industrialização aparecia como um objetivo a ser alcançado. Uma industrialização menos planejada do que imaginada como panacéia para resolver os problemas nacionais, o que para os militares, incluíam necessariamente o fortalecimento da corporação, isto é, Forças Armadas bem preparadas e bem equipadas. Essa aspiração associada à superação do atraso representado pela predominância política das Oligarquias Agrárias, pela corrupção político-eleitoral e pelo grau de analfabetismo da sociedade, esbarrava numa contradição insolúvel para as classes e para os grupos que procuravam resolvê-la: o atraso do país em relação aos centros hegemônico do capitalismo era real e estrutural. Como romper esse atraso, sem pôr em perigo a dominação das classes tradicionais, sem tocar, portanto, na estrutura fundiária e sem reconhecer a cidadania da classe operária e das massas trabalhadoras do campo?

As revoltas tenentistas renunciaram uma mudança de ordem no Brasil, na qual se daria o ingresso e participação de novos elementos, notadamente a classe média e o proletariado no processo político. Elas anunciaram também uma nova era na história política brasileira na qual soldados seriam chamados à desempenhar um papel mais atuante no sistema político². Os tenentes tiveram papel significativo no planejamento e organização da, Revolução de 1930, contribuindo para a vitória final. O que lhes valeu importantes cargos públicos no período do governo Vargas e além dele. Muitos desses jovens oficiais haviam aprendido a lição no Exército, na honra de serem militares, ao

¹ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35. p.

passo que promoveram mudanças políticas e sociais no Brasil, sempre com objetivos de redimir a nação. No passado a classe havia apelado para que tais homens salvassem a República, mas esperava deles que uma vez concluída a sua missão providencial, retornassem à caserna.

A partir de 1922, entretanto, muitos oficiais passaram a assumir com todo ardor, o seu novo papel de personagem político atuante, na tentativa de servirem como salvadores permanentes do sistema que haviam ajudado a instituir. Quando esse sistema torna-se defeituoso, por causa dos excessos praticados por políticos civis, os “homens fardados”, estariam prontos para salvá-los, restituindo sua direção de volta aos civis. Haveria de chegar um dia no entanto, que tais excessos seriam considerados irreparáveis a ponto de convencer os soldados, de que deveriam assumir completo controle do sistema político, a fim de salvá-los de uma vez por todas³.

Os tenentes pretendiam, na verdade, moralizar a vida política do país. Queriam deixar de ser jagunços das oligarquias. Por isso lutaram contra a corrupção eleitoral, promovendo várias revoltas contra o poder civil. Suas idéias tinham elementos progressistas e conservadores ao mesmo tempo que pregavam o voto secreto e reformas no ensino. Os tenentes acreditavam que o povo deveria ser dirigido pelos mais capazes.

Numa sociedade como a brasileira das primeiras décadas do século, em que as camadas intermediárias estavam em processo de formação e diferenciação, os militares desempenharam um papel de destaque, por serem o grupo urbano mais coeso, pelo menos desde a proclamação da República. O Exército passou a ter papel de relevo na vida do país. José Murilo de Carvalho, salienta o fato quando escreve “A Primeira República começa e termina com intervenções militares. Intervenções essas, raras vezes, autônomas, pois sempre estiveram vinculadas aos interesses das classes dominantes. Se tanto a República quanto a Revolução de 30 foram entusiásticas e decididamente apoiadas por militares, os interesses dos civis “donos do poder” não tardaram, num ou noutro episódio a deixar claro quem na verdade detinha o comando e a hegemonia dos movimentos. A autonomia das ações militares por mais significativas que estas tenham sido, foi sempre relativa e efêmera⁴.

É ainda José Murilo de Carvalho quem vê três posturas básicas no intervencionismo militar durante a Primeira República; uma intervenção reformista

² SODRÉ, Nelson Wernek. História Militar do Brasil. p. 352.

³ KEITT, Henry Hunt. Soldados Salvadores. p. 273-278

⁴ COSTA, Homero, A Insurreição Comunista de 1935. p. 137

quando o militar cidadão se sente com direito e o dever de participar politicamente da vida do país, o militar profissional cujo discurso de não intervenção esconde uma pseudo neutralidade, e a do militar corporação que preconiza uma intervenção moderada. Nos três casos temos a mesma razão, no caso, a intervenção explícita, mascarada ou eventual, quase sempre a serviço dos grupos políticos dominantes ou desejosos de chegar ao poder.

Para os políticos civis. O Exército sempre representou um campo a explorar em benefício e interesses deles; os da oposição para subirem ao poder, os do governo para se conservarem nele. Os que estão debaixo vão aos quartéis para desabonar do poder os que estão de cima; estes apoiam-se nos quartéis para não serem desalojados pelos que estão debaixo. E tem sido este o instrumento das ambições civis, a função propriamente política do Exército em nossa história.

Como grupo militar e como setor mais estruturado e armado das camadas médias urbanas, assim como por suas ligações político familiares com os setores dominantes nos estados que se opunham a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais, os tenentes foram sensíveis às necessidades de mudanças que se impunham ao país. Eles expressavam a sua maneira peculiar, a proposta armada, os interesses desses grupos estaduais, os verdadeiros articuladores e beneficiários da derrubada da República Velha. Nesse sentido, os tenentes foram “vanguarda”, de tais interesses, que naquele momento, corresponderam também aos anseios de mudanças sentido pela maioria da nação. Justamente por expressar esses anseios, Luiz Carlos Prestes tornou-se um herói nacional⁵.

Os tenentes queriam um governo militar, embora admitissem, um civil desde que marchasse com eles; mas os métodos para alcançar o poder teriam de ser os militares, os levantes partindo dos quartéis. Essa mentalidade que impregnou significativos setores civis da sociedade, estaria presente, com muita força nos anos 1930-1935.

A própria Coluna Prestes, foi talvez o maior feito militar da História do Brasil e provavelmente a época em que Luiz Carlos Prestes realizou plenamente sua maior vocação: a de um grande estrategista militar. Nesse sentido o tenentismo apresentou, entre outras coisas, um aspecto que não pode ser esquecido: o idealismo revolucionário, o desejo de transformações democráticas, ainda que expressas em termos elitistas e ditatoriais, de melhoria de vida para a população, de criação de uma nação independente e respeitada⁶. Porém, o Governo Federal não deu trégua aos tenentes rebeldes. Perseguiu-os por toda parte e convocou as polícias estaduais para maior eficiência do combate, o que era de grande alcance,

⁵ PILETT, Nelson. História do Brasil. p.

⁶ Ibid. p.

dado o conhecimento que estas possuíam do terreno que iam percorrendo os então chamados “inimigos da legalidade” e que eram, na verdade uns revoltados⁷.

Novos bandeirantes do séc – XX, violadores de sertões, como se lê no poema de Bilac, sobre a epopéia de Fernão Dias Pais, esses revolucionários marchavam para o Norte, buscando um país amigo onde pudessem internar-se. Ou como escreveu Pedro Calmon (História do Brasil, vol VI), era uma “Coluna Fantasma” que ia lançar-se por imprevistos roteiros pelo interior do Brasil, sem rumo certo, nem objetivo determinado como para inquietar, desafiar, fatigar numa viagem sem fim, mas de bandeira de sertanista do que de Exército de verdade, numa tenaz ação de guerra.

O Rio Grande do Norte também foi chamado a combatê-los. Isto aconteceu em dezembro de 1925, por solicitação do então Presidente da República Arthur Bernardes; na ocasião a Coluna encontrava-se no Maranhão. Em combate a Coluna foi enviado uma tropa de Polícia Militar do Rio Grande do Norte com objetivo de apoiar os maranhenses na defesa da legalidade.

Os soldados depois de terem recebido o batismo de fogo em terras maranhenses, regressaram a Natal, satisfeitos de haverem cumprido o seu dever. Mas a participação dos potiguares não estava terminada, havia ainda num tributo mais efetivo, que seria pago no território note-rio-grandense, nos municípios de São Miguel e Luis Gomes.

São Miguel era nesta época uma cidade bem tranqüila, o município vivia dentro de suas tradições sertanejas.

Uma vez que a Coluna foi batida no Piauí e Maranhão, em breve estavam os rebeldes no Ceará e em seguida a caminho do Rio Grande do Norte.

Assim sendo a Coluna penetrou no território potiguar pela Zona Oeste, fronteira com o Estado do Ceará, governava o Rio Grande do Norte o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros (1924-1927)⁸.

Ao tomar conhecimento do avanço revolucionário em direção ao nosso Estado, afim de manter a ordem pública, o Dr. José Augusto tratou de solicitar junto ao governo federal a ajuda necessária para combater os rebeldes, enviou então um telegrama através do qual, solicitava armamento e munição, além do reforço com mil homens, mesmo porque a polícia local, no momento, ainda encontrava-se em desfalque devido o envio do contingente para São Luis⁹.

⁷ PILETT, Nelson. Op. Cit., p.

⁸ SOUZA, Itamar de. A República Velha no Rio Grande do Norte. p. 86 - 96

⁹ SOUZA, Itamar. Op Cit., p. 96



A partir de então, o governador José Augusto mobilizou forças civis e militares para defender o território contra invasores. A 31 de janeiro de 1926, seguiu para a Zona Oeste: Areia Branca, Mossoró, Apodi e outros municípios do Seridó, foram aparelhados e preparados para ficarem sempre alerta para um possível ataque dos rebeldes.

Do território norte-rio-grandense sofreram invasão os municípios de São Miguel e Luís Gomes. As cidades foram dominadas, saquearam o comércio e algumas fazendas.

Foi mais um encontro sangrento, onde foram a óbito tanto tenentes (rebeldes) como legalistas e na demonstração de forma efêmera fez-se desacreditar na possibilidade dos tenentes aqui ascenderem seus ideais. Porém continuam a lutar¹⁰.

¹⁰ Ibid. p. 196 - 202

2.2 ALIANÇA TENENTISMO - COMUNISMO

“1935 foi a derradeira manifestação do tenentismo, inconformados com a sua marginalização e superação¹¹”.

O Partido Comunista Brasileiro foi fundado em 1922, no Rio de Janeiro, formado por nove militantes. Já na sua fundação se declarou como seção brasileira da Internacional Comunista¹²

Em consequência do estado de sítio decretado pelo Governo Epitácio Pessoa, o PCB, foi colocado pela primeira vez na ilegalidade, em virtude da Revolta do Forte de Copacabana. Somente após a posse do Presidente Washington Luís em 1926, é que o Partido volta a legalidade, aumentando assim sua inserção entre os sindicatos de operários e entre a classe média, sendo posto novamente na ilegalidade, por força da Lei de Segurança Nacional, em agosto de 1927.

Em junho de 1929, iniciou-se uma das fases de maior sectarismo ultra esquerdista do PCB; com base na linha de “classe contra classe”; o Partido se manteve alheio, até mesmo hostil ao movimento de 1930 que depôs Washington Luís, considerando a luta entre a Aliança Liberal de Getúlio Vargas e as oligarquias no poder como sendo uma mera disputa entre o imperialismo norte-americano e inglês¹³.

O período que vai de 1930 até julho de 1934, quando ocorre a primeira conferência nacional do Partido Comunista do Brasil, pode ser considerado como o auge do sectarismo: os intelectuais são afastados, não se mantendo na direção do Partido nenhum dos seus fundadores. Há também um rigoroso combate ao prestismo “e suas influências pequeno-burguesas”. É um período que se caracteriza por constantes mudanças na direção do Partido, nada menos do que oito secretários-gerais em quatro anos¹⁴.

Em agosto de 1934, Prestes é aceito pelo Partido, por imposição da III Internacional Comunista (da qual Prestes era membro). Com a aceitação de Prestes e Antônio Carlos Bomfim, o “Miranda”, há uma entrada significativa de militares no Partido, assumindo posições de destaque na hierarquia interna. Isso vai significar uma mudança substancial na composição social do Partido. Para Leôncio Martins Rodrigues,

¹¹ CORTEZ, Luiz Gonzaga. A Revolução Comunista de 1935 em Natal. p. 23

¹² CARONE, Edigard. O PCB: 1922 – 1943. p. 21

¹³ PINHEIRO, Paulo Sergio. Estratégia da Ilusão: 1922 – 1935. p. 236

¹⁴ COSTA, Homero. Op Cit. p. 23 - 24

essas modificações serão o fator determinante da opção pela via insurrecional e das características de “quarteladas” que o levante de 1935 iria adquirir, refletindo a influência tenentista, resultante da entrada da jovem oficialidade no interior de um Partido comunista inexperiente.

Segundo Leôncio Basbaum, Prestes e seus companheiros tenentes consideravam o programa do PCB “extremamente radical”, pois falava entre outras coisas, de “anular dívidas externas”, o que lhes parecia absurdo e temerário¹⁵. Em contrapartida, o programa de Prestes e dos tenentes defendia vagos anseios político tenentistas, como voto secreto, justiça, etc.

A entrada de Prestes para o Partido constituiu um marco na história do PCB. Juntamente com o ex-líder tenentista ingressaram no Partido muitos tenentes, como Agildo Barata e Silo Meirelles, que teriam um papel decisivo nos levantes de novembro de 1935, no Rio de Janeiro e em Recife, respectivamente.

A respeito da adesão de Prestes e do tenentismo mais radical ao PCB, afirma Moisés Vinha que esta traz para o Partido o peso da influência pequeno-burguesa e golpista; porém, por outro lado, retira o pequeno Partido de seu isolamento e lhe dá um peso político na sociedade que está muito aquém de sua capacidade.

A partir de então o Partido militarizou-se, desenvolvendo um trabalho de agitação nos quartéis, que se havia iniciado em 1930, visando principalmente a conquista do apoio dos setores subalternos das Forças Armadas¹⁶. É nesse quadro de transição da política da IC e do PCB que se processou a aliança entre comunismo e tenentismo.

¹⁵ BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. 1930 – 1960. p. 70

¹⁶ VIANNA, Op Cit. p. 61 - 68

2.3 - ANOS 20, ANOS 30 – UMA ANÁLISE

Foi na década de 20 que o protesto social e político invadiu os quartéis e ali se materializou com a ação militar dos dois 5 de julho, até tomar feição mais aguda durante a famosa Marcha da Coluna Prestes, uma epopéia silenciosa de peregrinação marcial, e de extrema eloquência para mostrar a fratura exposta do organismo nacional, como se quisesse dizer que havia dois brasis, irremediavelmente separados naquela conjuntura: o Brasil dos carcomidos e oligarcas usufrutuários do poder e o Brasil dos regeneradores civis e militares, que, embora reprimidos, despertavam para refazer as bases partidas do pacto republicano e federativo, ainda que o caminho fosse o da transgressão da legalidade e o recurso as armas, conforme ficou evidente e veio afinal a acontecer¹⁷.

Posto que, a década de vinte incubava uma profunda insatisfação do sentimento nacional diante do imobilismo e da estagnação com que se governava o País, porquanto das esferas oficiais jamais chegavam iniciativas tendentes a remover os mais graves vícios do statu quo, mantido a todo custo em proveito das oligarquias estaduais, onde o Poder Central tinha sua sustentação. Porém, a própria crise do café, no bojo da recessão de 1929, conduzia o descontentamento à lavoura, portanto, aos grandes proprietários rurais, contribuindo assim para fazer mais dramática e explosiva a situação do país.

Os acontecimentos do fim da década de 20, pressagiavam o fim da Primeira República. Acumulados numa condensação ameaçadora, afinal de contas resultariam depois em algumas mudanças de sentido renovador no tocante aos costumes políticos de exercícios do poder, os quais haviam feito do sistema representativo apenas uma ficção perpetuadora de poderosas oligarquias. Nesse sentido, e como objeto de estudo de nosso trabalho, os tenentes tomaram as rédeas da situação, influenciados pelas idéias industriais e nacionalistas que se desenvolveram no Brasil, principalmente após a Primeira Guerra Mundial¹⁸. Eles pretendiam na verdade, moralizar a vida política do país.

Deste modo, em 1930, Getúlio Vargas chegou ao poder à frente de um movimento armado, organizado por jovens oficiais do Exército, e uma parcela da classe média urbana, todos insatisfeitos com os rumos da República Oligárquica e desejosos de ter uma participação maior no governo do país.

A primeira metade dos anos 30, foi de lutas e, em como todas as revoluções, passado o instante rápido da derrubada, começam a surgir os problemas para

¹⁷ VIANNA, Op Cit. p.

¹⁸ PILETT, Nelson. Op Cit. p.

manutenção. O lento processo de reconstrução, cheio de dúvidas, erros, experiências, frustrações, divergências e incompreensões, gerou o clima propício para a impregnação de ideologias e de inflamação das massas.

Entre o movimento de 1930 e os acontecimentos de 1935, ocorreu no Brasil uma série de movimentos que traziam em seu enredo possibilidades de mudanças para grande parte de população brasileira, sempre marginalizada. Por outro lado surgiram fortes resistências às mudanças que a população esperava. Essas resistências vinham dos que se beneficiavam com a situação que existia no Brasil: os latifundiários, os industriais e os grandes comerciantes.

Com relação ao que foi exposto, podemos dizer que os anos 30 foram anos de guerra revolucionárias, em que estavam envolvidas efetivamente, militares engajados desde os anos 20, os quais ansiavam mudanças. Deste modo é coerente fazermos a comparação entre as décadas de 20 e 30 uma vez que os acontecimentos de ambas se equivalem, pela natureza e ação com que os fatos se sucedem.

Em 1930, a revolução que levou Getúlio Vargas ao poder, foi principalmente militar, dessa vez estendida a todo País em 1931, o Levante do 21º BC, na época sediado em Recife, foi protagonizado por um grupo de militares que convidara Luís Carlos Prestes, para chefiar o motim, a própria Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, contou com significativa participação dos tenentes desiludidos com os rumos do movimento de 1930. Tais tenentes lutavam o objetivo de resgatar o que o movimento de 1930 não superava e por assim dizer continuavam lutando.

Os golpes de 1935, embora com características regionais bem diferenciadas, inserem-se integralmente na tradição de conspirações e quarteladas que caracterizaram a mentalidade e ação política da sociedade da época.

3.0 – ASPECTOS POLÍTICOS DO MOVIMENTO DE 1935 NO RN

3.1– Período Interventorial no RN (Tenentes no poder)

O período compreendido entre os acontecimentos de outubro de 1930 e 1933, vai ilustrar as dificuldades da consolidação de novas forças políticas no nível local. Como se sabe, a derrota das oligarquias que haviam dominado a política brasileira durante 40 anos. No entanto, mesmo tendo sido alterada a correlação de forças no nível do poder federal, em muitos Estados as oligarquias ainda detinham importantes pareceres de poder, a ponto de dada a inevitabilidade da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, em 1933 (conseqüência da conjuntura política após Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932), Vargas para se manter no poder, vai novamente se aproximar das oligarquias a quem, por força das armas, havia derrotado em 1930.

No Rio Grande do Norte, o período de 1930 a 1933 é caracterizado por em alto índice de turbulência política, registrando-se uma grande rotatividade de interventores tenentistas. O Estado recebe vários interventores, a maior rotatividade em termos nacionais, cuja gestão é, no geral, bastante atribulada e de pouca duração. Por ocasião da revolução de 1930, era governador Juvenal Lamartine, representante das oligarquias, que há muito tempo detinham o poder político e econômico do Estado, cuja base de sustentação estava localizada na região do Seridó, maior produtora de algodão, principal produto da economia regional. Lamartine governou com repressão durante qualquer oposição e a incipiente organização dos trabalhadores.

No dia 5 de outubro de 1930, o 29º BC, unidade do Exército sediado em Natal, marcha sobre a Capital e depõe, sem resistência, o governador¹⁹.

O sistema interventorial nada mais era do que um mecanismo de centralização política administrativo que o governo provisório procurava implantar, com o apoio de um aparato hierárquico estatal de grande porte. Os interventores eram o próprio instrumento do controle do Poder Central em cada Estado. Acaba por representar o empenho deliberado de alterar as relações do Estado com a união, transformação esta desejada pelos tenentes e, especificamente, por todos os revolucionários nortistas.

Seriam os interventores os representantes diretos do Poder Central nos Estados.

¹⁹ COSTA, H. Op Cit. p. 31 - 32

Para tanto, a escolha era feita pelo governo provisório que já havia estabelecido um modelo ideal. Eram três características básicas que o interventor deveria ter: ser estrangeiro (elemento sem vínculo com as forças políticas locais); ser militar (por inspirar mais confiança e imposições, como também em razão da quase ausência de civis ligados à revolução) e, finalmente ser politicamente neutro (desvinculados do partidarismo regional).

Com a constituição da junta militar, em outubro de 1930 é indicado para o cargo de Interventor interino do Rio Grande do Norte Irineo Joffile, o qual apesar de ser um civil, foi escolhido por méritos pessoais, por ser estrangeiro e principalmente por ser um revolucionário. Sua administração, segundo Marlene da Silva Mariz, durou apenas 90 dias. Marlene diz ainda que durante o período de sua interventoria Joffile apoiou ou prestigiou a facção cafeísta, o que vem provocar uma franca hostilidade por parte dos militares e os políticos tradicionais.

Diante disso, é importante ressaltar que o período compreendido entre 1930 a 1933, foi realmente uma época em que o Rio Grande do Norte apresenta características específicas com relação ao resto do país, sob o então comando do governo provisório²⁰.

O fato de durante um período praticamente de três anos (1930 - 1933), a sucessão dos interventores no Rio Grande do Norte, se dá em constante revezamento, tendo passado pelo governo cinco interventores, justamente pelas tentativas de articulação do Governo Federal com o Estado, diante das dificuldades apresentadas aqui, posto que as primeiras decisões com objetivo de centralização e fortalecimento do Estado, atingiram a autonomia das oligarquias que regiam de imediato, com maior ou menor intensidade, de acordo com sua força econômica²¹.

É fato dizer que a Revolução de 1930 foi a organização mais duradoura dos tenentes com sede no Rio de Janeiro e representantes em quase todo Brasil. Pelo Estado do Rio Grande do Norte passaram cinco Interventores, como já fora mencionado anteriormente; sendo dois civis revolucionários e outros três tenentes em busca das mudanças que norteavam seus ideais. A primeira interventoria tenentista, e segundo do RN, é a de Aluísio Moura, militar do Exército, que passou 180 dias no poder. Durante sua administração revelou sua inclinação pela ala tradicional do Estado, o que não foi bem aceito pelo poder central, tendo inclusive que serem nomeado dois assessores militares, o que acaba por demonstrar a desconfiança do Poder Central. De modo que desentendimento político com seus assessores e a tendência em apoiar os tradicionais faz com que Aluísio Moura fosse demitido do cargo.

²⁰ MARIZ, Marlene da Silva. A Revolução de 1930 no Rio Grande do Norte 1930 - 1934.

²¹ Ibid., p.

Em seguida, é nomeado Herculino Cascardo (11.07.31 a 05.02.32), capitão da Marinha do Brasil. De todos que passavam pela administração do Rio Grande do Norte, foi o que mais se aproximou dos ideais revolucionários, conseguindo, na sua rápida trajetória interventorial, se não implantar mas pelo menos esboçar as linhas mestras do que pretendia a Revolução de 1930, na concepção tenentista. Cascardo passou 210 dias no poder. Diante do contexto social que Cascardo assume, a grande questão era a discussão sobre a necessidade imediata ou não de constitucionalização do país. O clima em nosso Estado não era dos mais tranquilos, pelo menos nos setores da população e militares, evidenciado por indícios de insatisfação com o governo provisório. Cascardo, então, homem conhecedor dos problemas mais significativos do Estado, possuidor das tendências revolucionárias socializantes, começa a se descontentar com sua permanência na interventoria norte-rio-grandense, pelas dificuldades para execução dos seus projetos e outras questões que o deixam indignado com o governo central, inclusive. Daí, então, pede demissão.

Em 11 de julho de 1932, assume o tenente Bertine Dutra da Silva, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, em Natal. Na interventoria norte-rio-grandense Dutra também enfrentou uma série de dificuldades. Por um lado, reflexo do contexto nacional com a agitação do levante de São Paulo, e por outro, com resultado dos conflitos locais.

Quanto ao levante de São Paulo, o Rio Grande do Norte teve dupla participação. Por parte da política tradicional que chegavam até a enviar seus capangas para lutar ao lado dos paulistas contra o governo provisório, e por parte do interventor que enviou tropas norte-rio-grandenses em favor do governo central²².

No que diz respeito à campanha eleitoral, local, que desenvolveu-se num ambiente de agitação de ambas as partes, veio, então, a vitória da oposição, o que acaba por dar início a um clima de total repressão por parte do interventor, causando a insatisfação de muita gente, inclusive no quadro dos militares, os quais se mostravam simpáticos à causa dos paulistas. O Interventor considerou-os como uma ameaça ao governo e enquadrou-os como desnecessários reduzindo a Força Pública, suprimindo o quadro dos oficiais. A partir de então, se criou um clima de rixa entre Dutra e oficiais militares do 29º BC, especificamente.

Chamado pelo Governo Central, Bertine Dutra passou o cargo ao Secretário Geral, o tenente Sérgio Marinho e viajou ao Rio de Janeiro, de onde não mais voltou.

A dois de agosto de 1932, toma posse o novo interventor do Rio Grande Norte, o Dr. Mário Leopoldo da Câmara. Sua gestão vai marcar o início de uma crise no plano estadual,

²² MARIZ, M. Silva. Op Cit., ver também sobre período interventorial, COSTA, Homero. Op Cit.

envolvendo o interventor e as oligarquias derrotadas em 1930, cujo o desfecho se dará com a posse de Rafael Fernandes, em 29 de outubro de 1935, significando o retorno do poder das oligarquias que durante toda a Primeira República tiveram o controle absoluto do poder local. Mesmo o período interventorial, não foi suficiente para minar as sólidas bases em que estava sustentada a política norte-rio-grandense.

Criou-se uma situação onde os setores que preponderavam no aparelho do Estado foram afastados, outros subiram. E estes processos nunca se dão de forma pacífica, sempre também ocorre algum tipo de “quebra” da hierarquia, sempre os que estão de “baixo” encontram alguma fenda para sua ação. Vejam bem: a Revolução de 30 trouxe consigo uma situação de tumultos, de caos, não só no aparelho do Estado mas, principalmente, nas Forças Armadas (...), além dos problemas militares devo dizer que o pano de fundo era a insatisfação econômico-social, a decepção profunda com os rumos globais tomados pelo movimento de 30. Tudo isso levaram os homens a procurar uma saída que, efetivamente, enfrentasse os problemas que o processo de 30 não tinha resolvido; a dependência ao imperialismo, a questão agrária, etc²³.

²³ CORTEZ, L.G. A Revolução de 1935 em Natal. p. 69 – 72.



3.2 – Forças Políticas do Estado em 1935

Em fevereiro de 1933, elementos da oligarquia fundaram, aqui no estado, o Partido Popular (PP), como instrumento para uma eventual retomada do poder. O Partido foi fundado pelo ex-senador José Augusto Bezerra de Medeiros, um velho aliado de Washington Luís. Ostensivamente, o PP representava o liberalismo clássico e um marcado avanço progressista que na prática foi inteiramente ignorado. O partido de José Augusto programava apenas a volta do “status quo”, da época pré 1930.

A situação no Rio Grande do Norte começou a atrair a atenção do Governo Federal em maio de 1933, quando três dos quatro candidatos do PP foram eleitos para a Assembléia Nacional Constituinte. Em junho Vargas resolveu incluir Natal na agenda de sua viagem ao Nordeste, marcada para o final daquele ano. Em julho, ele nomeou como interventor Mário Leonardo Pereira da Câmara, um rico potiguar, figura política, cuja orientação, embora fosse conservadora, era também pró Vargas, fez com que se acusasse o governo federal de se meter nas políticas locais.

~~A posição de Câmara era difícil. Em contraste com seus predecessores neutrais no Estado depois de 1930, Câmara era um inimigo declarado de José Augusto. Pouca diferença havia entre os dois grupos, quer socialmente ou ideologicamente. A situação, portanto, representava a “polarização de forças políticas”, dentro e fora do poder. Com a proximidade das eleições tem início um clima de agitação e violência. Cada vez mais o interventor perdia o controle do Estado, e como reflexo de uma insegurança, eram comuns as demissões de autoridades, como a do Tenente Ney Rodrigues Peixoto, da Polícia Militar, que passou a fazer oposição como integrante do PP. O Tenente agia também junto a Corporação do Batalhão Policial, principalmente junto aos Sargentos.~~

Na ausência do interventor, em agosto, o Tenente Ney Peixoto recolheu à Região Militar, armamentos existentes no Batalhão, sob seu comando. A respeito da intromissão dos militares na política estadual, o Ministro da guerra orientou que o comando da 7ª Região afastasse ~~com medida enérgica os militares que oferecessem resistência.~~

Sem contrariar o clima de conflitos de uma campanha marcada por muita violência, que deixou vítimas de ambos os lados, a busca pelos resultados finais não foi diferente. As aspirações foram concluídas, finalmente, em março de 1935, dando a vitória a Rafael Fernandes, do PP.

Antes de sair do RN, mesmo sentindo-se desprestigiado pelo Governo Federal, o interventor Mário Câmara, declarava sua preocupação com a segurança do Estado, numa época em que se conspirava em todo país

O resultado da eleição arranhou o prestígio de Getúlio Vargas. Apesar da vitória de seu opositor, o Governo Federal não interveio na política do Estado. Mesmo o período interventorial, uma medida de controle do Governo após a Revolução, não foi suficiente para minar as sólidas bases em que estava sustentada a política norte-rio-grandense: o coronelismo; os acordos de cavalheiros entre as oligarquias e as forças militares. Como diz Homero Costa, o período que vai de 1933 a 1935, testemunhou uma crise de acomodação entre o poder central e a classe dominante local aqui no Rio Grande do Norte. Na eleição de maio, o Partido Popular (PP) saiu vitorioso, impondo a derrota ao Governo Federal aqui no Estado, o que não ocorria desde 1930²⁴. O fato de que a crise tenha sido tão prolongada (último estado a dar posse ao governador constitucional) e de que seu desfecho só tenha se dado de fato com a Insurreição Comunista de 1935, foi decorrente em larga medida da ambiguidade política ou da extrema manipulação de Vargas, apoiando aparentemente, ao mesmo tempo, as duas correntes em luta (a facção interventorial e a dos políticos ligados ao regime²⁵).

Diante desse quadro político e das especificidades que norteiam o Rio Grande do Norte, em 1935 eclode, em Natal, o movimento insurrecional, objeto de estudo desta pesquisa.

²⁴ COSTA, H. Op Cit. p. 34

²⁵ SPINELLE, J. A. Getúlio Vargas e a Oligarquia Potiguar. p. 228.

3.3 – Ideologia do Movimento de 1935

A partir de 1934, crescem no Brasil duas tendências políticas. A primeira o nazifacismo; a Segunda, o socialismo marxista. Ambas criticavam o Estado burguês-liberal e a democracia por ele desenvolvida. Contudo, elas possuíam diferenças inconciliáveis. Convém destacar a importância desses dois grupos políticos para nossa História, já que foram os primeiros grupos surgidos, imbuídos de uma ideologia, superando os projetos pretéritos puramente regionalistas.

O facismo brasileiro (Integralismo), conhecido pela sigla de AIB (Ação Integralista Brasileira), foi criada por Plínio Salgado, em 1932. Preconizava a criação de um Estado ditatorial ultranacionalista e anticomunista. Este facismo caboclo impressionava a classe média, o alto clero e parcelas reacionárias da sociedade em geral. Seu lema era a trilogia “Deus, Pátria e Família”. Os membros ativos da AIB usavam uniformes verdes, o sigma grego que parece um “E,” como logotipo do Partido, e uma saudação (anauê!), como a dos nazistas. Criam no “estado integral”, uma ditadura de partido e chefe único. Os integralistas alimentavam o sonho de atingir o poder com o apoio de Vargas²⁶.

A corrente contrária denominava-se ANL (Aliança Nacional Libertadora). Congregava as oposições a Vargas, tendo uma linha discretamente socialista-marxista. A ANL opunha-se a todo o totalitarismo de direita, preconizava a criação de um estado democrático, popular, o cancelamento do pagamento da dívida externa, a efetuação de uma reforma agrária e a nacionalização das empresas estrangeiras. O crescimento da ANL, sob o comando de Luís Carlos Prestes, incomodava as elites dirigentes e as que sonhavam com o poder, a AIB, por exemplo.

Vargas, pressionado pelas oligarquias, inicia a repressão aos membros da ANL, obrigando-os a agir na clandestinidade. //

²⁶ PILETT, Nelson. Op Cit. p.

Em 1935, o público brasileiro ficou ciente do extremismo político em seu meio. Violentas lutas entre integralistas e antifascistas tornaram-se cabeçalhos de jornais, deram as autoridades federais um pretexto para fechamento da frente popular ANL, e forneceu aos políticos uma oportunidade para atacar ideologias estrangeiras especialmente, o comunismo soviético²⁷.

O Partido Comunista do Brasil, que se associara à ANL, opta pela revolução armada para tomar o poder. O movimento seria iniciado com levantes militares em várias regiões do país e deveria contar com o apoio da massa proletária, que desencadearia greves em todo o território nacional.

No Rio Grande do Norte, ambos, ANL e os grupos integralistas AIB, operaram os centros de propagandas assim como o fez um pequeno grupo clandestino do Partido Comunista (PCB). Destes, os integralistas tiveram maior influência. O folclorista Luís da Câmara Cascudo, o historiador líder do Estado e figura intelectual, conduziu o grupo em Natal. Câmara usou prerrogativas de seu poder de toda maneira possível.

A ANL do Estado, fundado em abril de 1935, nunca atraiu mais do que umas dezenas de aderentes, a maioria dos quais não eram comunistas. Bases foram estabelecidas no interior, onde agitavam contra o integralismo, em favor da reforma agrária e organização sindicalista e, depois de julho, para a restauração do status legal. Também divulgavam propaganda entre os soldados do 21º BC, dando atenção especial a oficiais particulares ou que não tivessem patente militar²⁸.

Apesar da responsabilidade dada aos comunistas, aqui em Natal, o movimento estava composto por outras correntes políticas, como diz Poty Ferreira, um comunista de 1935; cafeístas, maristas e outras tendências. Os cafeístas, por exemplo, do governo de Rafael Fernandes, sofriam uma carga muito pesada. Os elementos da Guarda Civil, criada por Café Filho, tinham sido demitidos. Descontentes, esses elementos estavam nas ruas sem fazer nada, passando por necessidades e participaram do movimento. Coincidentemente, alguns soldados do 21º BC foram desmobilizados em virtude de ter terminado o seu tempo de serviço. Esses soldados pretendiam ficar aqui, mas foram desempregados e ingressaram no movimento, apesar de não terem idéias comunistas. Deste modo, se torna meio confuso o real significado do movimento, posto que, seu apoio partiu de posições bastante diversificadas.

Outro aspecto que nos é interessante ressaltar é o fato de que o analfabetismo era comum entre as praças e que por isso o trabalho político ficou concentrado nos quartéis, o que

²⁷ LEVINE, Robert M. Pernambuco e a Federação Brasileira. p: 124 -125.

acabou por direcionar os rumos do movimento, visto que conseguir aliados em quartel é diferente de uma fábrica. A massificação das idéias em Natal era muito restrito. Aqui existiam na época, somente duas fábricas, uma de cigarros e outra de sabão. De modo que o PCB, então, foi levado a trabalhar nos quartéis, baseando-se na situação existente entre as praças. O que, na verdade, nos remete mais uma vez ao pensamento tenentista da década de vinte, onde os militares se engajavam nas lutas e reivindicações de melhoria nas condições de trabalho dentro dos quartéis; além de demonstrarem a consciência de que era preciso mudar a política do governo. A solidariedade em torno dessas reivindicações fez crescer o movimento de conspirações entre as praças.

Assim sendo é observado que o grau de afinidade ideológica dos revolucionários locais e as aspirações a nível nacional, pelo menos em Natal, apresenta diversidades bem definidas.

A começar pelo início do movimento, onde o PCB dera ordens aos chefes revolucionários para que aguardassem o sinal para deflagração. Entretanto, a eclosão do movimento em Natal foi antecipada, não se sabe se por falsas informações ou se por precipitação, permitindo ao governo central o controle imediato da instrução ao eclodirem os levantes em outros estados da federação. De modo que, a própria precipitação constituiu um ponto específico, posto que, fugia da real intenção, de caracterizar um golpe a nível nacional, além de facilitar a reação do governo em repressão ao movimento.

Entretanto, em 23 de novembro de 1935, sargentos, cabos e soldados, com o apoio de alguns operários e funcionários públicos, deflagraram o levante, apossando-se do quartel do 21° BC, o qual trazia em seu enredo uma trajetória de insubordinações e conspirações acrescida de um descontentamento generalizado. A revolta então teve início num Sábado; às 19:30h aproximadamente, quando o comandante e os oficiais já haviam deixado o quartel e este se encontrava praticamente, nas mãos de sargentos, cabos e soldados. Os revoltosos prenderam o oficial de dia e trataram logo de ocupar pontos estratégicos no QG (21° BC) e também na cidade. A luta se desenvolveu durante toda a noite do dia 23 para 24 de novembro de 1935. Ao mesmo tempo em que ocorria um evento no Teatro Carlos Gomes, onde se reunia, além do Governador do Estado, grande parte das autoridades e sociedade local da época. É interessante observar que o fato de todas as autoridades estarem juntas, talvez tenha sido proposital, e que, portanto, não se pode assegurar até que ponto foi precipitação, há inclusive evidências de que no movimento havia grande distinção entre quem era ou não

²⁸ Ibid. p. 126

comunista. Para Giocondo Dias, Cabo do 21 BC, em 1935, a revolução pecou não pela antecipação mas, pela falta de aprofundamento ideológico e que as pessoas que ali estavam lutavam ou vestiam a camisa mais por uma manifestação de seus anseios de liberdade do que pela causa comunista em si. São essas razões que tornam o Movimento de 1935 em Natal, peculiar e diferente do que aconteceu em outros Estados²⁹.

²⁹ CORTEZ, L.G. A Revolução Comunista de 1935 em Natal. p.

4.0 – O MOVIMENTO DE 1935 EM NATAL

Em 1935, Natal era uma pequena cidade, com uma população aproximada de 40.000 habitantes³⁰. O bairro mais importante da cidade continuava a ser o da Ribeira, onde se concentravam o comércio das grandes lojas, casas comerciais, empresas e bancos e os melhores hotéis: Hotel Avenida, Hotel dos Leões, Hotel Internacional (na rua Chile), ficava também o Teatro Carlos Gomes, que foi inaugurado no ano de 1904, e em 1911 foi inaugurado o bonde elétrico. Na época já circulavam quatro jornais: “A República” – órgão oficial do governo; “A Razão” – órgão do Partido Popular; “A Ordem” – Orientação Católica (e integralista); e “O Jornal” – órgão da Aliança Social. Havia na cidade apenas uma biblioteca pública, dois arquivos públicos (um estadual e um municipal). Quanto à segurança pública havia a Polícia Militar, funcionando onde hoje é a Casa do Estudante, o 21º Batalhão de Caçadores, funcionando onde hoje é a Escola Churchill e a Guarda Civil. O governador do Estado era Rafael Fernandes, o prefeito de Natal, Gentil Ferreira³¹.

4.1 - O 21º Batalhão de Caçadores – Centro do Inconformismo e origem da revolta de 1935, em Natal.

Sobre o 21º Batalhão de Caçadores, sabe-se que era originário de Recife antes de se estabelecer em Natal. Por ocasião da Revolução de 1930, o Tenente Mendes Holanda, subleva uma parte do quartel, juntando-se aos milicianos do Tiro de Guerra 333, enquanto o governador Estácio Coimbra tenta resistir. No entanto, a superioridade numérica dos revoltosos o faz fugir. O 21º BC então se divide, mas o grosso da tropa embarca no navio Itanage, que estava ancorado no porto de Recife para não aderir à revolta.

Com a vitória do movimento de outubro de 1930, têm início as interventorias tenentistas no Nordeste. Em Pernambuco é indicado um civil, Carlos de Lima Cavalcanti e, como ocorre em vários outros Estados, o primeiro ano de governo foi muito tumultuado (as gestões dessas interventorias, em especial quando os interventores não eram oriundos do próprio estado, criaram conflitos com velhas oligarquias derrotadas). E o foco do inconformismo era o 21ºBC. Na madrugada do dia 29 de outubro de 1931, portanto, um ano após à revolução que pôs Getúlio Vargas à frente do governo, o 21ºBC se subleva novamente,

³⁰ Censo 1935

³¹ COSTA, Homero. p.

comandados pelos tenentes Hélio Coutinho e Passos (...) a reação foi violenta. As forças leais ao governo contam com a ajuda da força pública, de tropas policiais de outros Estados como Bahia e Ceará e os Batalhões de Caçadores da Paraíba, Alagoas e o Rio Grande do Norte, e acabam com o movimento rapidamente. Os revoltosos foram presos e deportados para a Ilha de Fernando de Noronha³².

Em função desses acontecimentos, o 21ºBC só foi reorganizado em 1932. Por ocasião da Revolução Constitucionalista de São Paulo, onde foi enviado para combater os paulistas. Terminado o movimento, o 21ºBC se prepara para voltar a Recife. No entanto, o interventor do Estado de Pernambuco, Carlos de Lima, opõe-se a seu retorno (...) depois de muitas negociações, fica decidido sua transferência para outro lugar, no caso, foi feita uma troca com o Batalhão que se encontrava aqui em Natal, o 29ºBC.

Em Natal, o 21ºBC, principalmente com o governo Mário Câmara, passa a ter uma ativa participação na vida política do Estado, se posicionando a favor dos adversários de Mário Câmara, congregados no Partido Popular. Não por acaso, Mário Câmara tentou por várias vezes a transferência do Batalhão, e não conseguiu. Não apenas por questão da participação política. Havia nos quartéis, um estado de indisciplina muito grande que tomava de conta do Exército³³.

As insubordinações e conspirações não eram específicas do 21ºBC, como diz José Murilo de Carvalho. As insatisfações nos quartéis, principalmente dos sargentos, que em 1934, tiveram suspensas suas promoções, remontavam à década de 1920³⁴.

Na década de 1930, os sargentos passam a fazer reivindicações de forma mais organizadas, que abrangiam desde a estabilidade de quem não tivesse dez anos de serviço à ausência de promoções, salários baixos, falta de assistência social, etc. Conflitos menos visíveis, mas, mais sérios do ponto de vista da organização, eram os que envolviam as forças principalmente os sargentos. //

O moral era baixo e as condições do quartel, precárias, o que aumentava a inquietação e o descontentamento entre as praças, tornando o local em um ambiente fértil para a pregação comunista. Os soldados, fartos de serem transferidos repetidamente de unidade em unidade nos últimos meses, estavam inquietos. Muitos deles indignavam-se com as precárias condições de vida no quartel e com as atividades políticas de seus superiores hierárquicos³⁵.

³² Ibid. p.

³³ COSTA, Vanda. *Com Rancor e com Afeto*. p.

³⁴ COSTA, Homero. *Op Cit.* p. 138

³⁵ LEVINE, Robert M. *Op. Cit.* p. 163

O quartel, afirma Levine com base no depoimento de um de seus comandantes “é uma espécie de seleiro ou estábulo, sem conforto nem higiene”. O material de instrução era tal ponto inadequado que os soldados não tinham alvo nem munição. (Robert Levine, - ? 172).

Para agravar a situação, o recém empossado governador decidiu extinguir, a 20 de novembro, pelo Decreto número 19, a Guarda Civil, acusada durante toda a campanha eleitoral de abrigar cangaceiros a soldo do interventor³⁶ e criou a Inspetoria de Polícia com homens de sua inteira confiança.(diário oficial do estado 20/11/1935).

Tal medida colocou na rua homens armados, os quais segundo Furtado, passaram a sofrer fome com suas famílias. Era na verdade, um problema social artificial e criminosamente criado pelo novo governo, além de um caldo de cultura de revolta dos injustiçados sem culpa³⁷.

³⁶ COSTA, Homero. Op Cit. p.

³⁷ FURTADO, J. M. Vertentes. p. 122

4.2 - Polícia Militar do RN em 1935 – Resistência e Glórias

Uma vez deflagrada a revolta, com a tomada do 21^o BC, a ocupação se deu, praticamente, sem nenhuma resistência, apenas sinais de tiros eram dados como aviso. Os insurretos tomaram rapidamente o Batalhão de Cavalaria da Polícia e a Casa de Detenção (atual Centro de Turismo) onde soltaram 68 presos³⁸. Outros pontos tomados pelos insurretos foram a Escola de Aprendizes de Marinheiros, no bairro do Alecrim, e o Liceu Atheneu (onde havia um tiro de guerra). Tiroteios, a princípio, esparsos estenderam-se depois por toda a cidade e bairros. Inferiores e praças do 21^o Batalhão de Caçadores, ligados e elementos civis reconhecidamente extremistas, espalharam-se pela cidade e se apossaram de vários pontos³⁹.

A única resistência efetiva veio do Quartel da Polícia Militar. E sobre este fato é lícito ressaltar que tal ato caracteriza o movimento aqui em Natal além de marcar a história da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Sob dois aspectos: primeiro é a questão de ser travado por ocasião da resistência, um combate que envolvia militares de ambos os lados. Sim, posto que de um lado estavam as praças do 21^o BC, revoltados por um estado de coisas que já foram mencionados neste trabalho e de outro lado estava a Polícia Militar do RN, a qual fora organizada sob a égide de defesa do Estado e da legalidade.

Da Polícia Militar é importante notar que depois de andar por Ceca e Meca, como afirma Rômulo Wanderley, da Cidade Alta ao bairro da Ribeira, o quartel da PM, passou quase quarenta anos no prédio da Rua Misericórdia, antiga Rua da Salgadeira, porque ali perto ficava o velho e sórdido matadouro, foco de moscas e pouso de urubus, vagabundos e famélicos. De 17 de setembro de 1914 até a inauguração do quartel na Avenida Rodrigues Alves, no Bairro do Tirol, a 30 de maio de 1953, ali se alojaram os soldados e oficiais da Corporação, que naquele tempo, possuía pequeno contingente e não dispunha de serviços que posteriormente foram criados⁴⁰.

Foi do casarão modesto e desconfortável da Rua da Salgadeira, que saíram em defesa da legalidade os soldados que foram combater a Coluna Prestes no Maranhão e na zona Oeste do Rio Grande do Norte; os cangaceiros de Antonio Silvino e Lamipião, os constitucionalistas de São Paulo, em julho de 1932, e também daquelas janelas

³⁸ COSTA, Homero. Op Cit. p. 88

³⁹ FILHO, J. M. 82 Horas de Subversão. p. 98

⁴⁰ WANDERLEY, R. História do Batalhão de Segurança. p. 36

improvisadas, que um punhado de bravos, numa resistência suicida, enfrentou até o último cartucho os insurretos de 1935⁴¹.

Ali, os soldados liderados por seu comandante, major Luís Júlio e pelo comandante do 21º BC, Tenente Coronel José Otaviano Pinto Soares, resistiram, por 19 horas, ao assédio dos revoltosos (das 20:00h de Sábado até às 14 horas de Domingo, 24 de novembro). Dois outros redutos puseram à prova o valor da nossa Polícia Militar: o Esquadrão de Cavalaria e a Detenção, por ocasião, o Capitão Severino Raul Gadelha à frente de oito soldados e dois civis, Rogério Silva e Orlando Gadelha, sustentou muitas horas de fogo até esgotar o último cartucho; na Detenção, o Sargento José Braz e seus comandados lutaram bravamente⁴². Esgotada a munição do quartel (hoje Casa do Estudante), os insurretos conseguiram tomá-lo, os policiais que se encontravam resolveram fugir lançando-se as águas do Rio Potengi. Com exceção do tenente Francisco Bilac de Farias, que conseguiu alcançar a nado, o outro lado do rio, na Redinha, foram todos feitos prisioneiros pelos rebeldes.

Sobre a resistência é lícito ressaltar que a Polícia Militar de fato se fez atuante, pelo motivo de que foram quase 20 horas de combate onde os soldados (os poucos soldados que ali estavam), independente do destino de suas vidas, parece-me que para eles não fazia muita diferença viver ou morrer, o mais importante naquele momento seria a defesa do quartel e, conseqüentemente, da Instituição e do mesmo modo que os revolucionários tinham um ideal de luta, eles certamente tinham um ideal de vida. E de acordo com que diz Costa: "as 21:00h, o fogo já era intenso e impossibilitava novos acessos ao quartel a essas alturas já cercado pela frente e laterais (a parte de trás era um matagal e dava acesso ao rio Potengi)". A munição do quartel era pouca, ao contrário da dos que atacavam, em número bem superior, fortemente armados e com uma vantagem a mais: a proximidade com o quartel do 21ºBC permitia reforço constante de homens e munições. Mesmo assim a Polícia Militar resiste, e quando se viu obrigada a abandonar o quartel, não se rendeu, preferiu fugir.



⁴¹ Ibid. p. 36 -37.

⁴² FILHO, J. M. Op Cit. p. 27

4.3 – Luiz Gonzaga – Mito ou Realidade

Os mitos não se originaram na forma escrita. Eles se desenvolveram lentamente, como uma tradição oral que era passada de geração em geração, entre pessoas que estavam tentando entender o mundo a seu redor.

Aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Eles são histórias de nossa vida, de nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. O mito é o relato da experiência de vida. Se existem perguntas que põe em cheque a razão das coisas, a única resposta realmente válida está exatamente ali, no existir. Qualquer formulação racional nos dá uma idéia linear da coisa, mas mata a beleza da coisa em si. Estamos tão empenhados em realizar determinados feitos, com o propósito de atingir objetivos de um outro valor, linear e longe da vibração da vida, que nos esquecemos que o valor genuíno, o prodígio de estar vivo, é o que de fato conta⁴³.

Durante o combate entre revoltosos e a Polícia Militar, várias pessoas ficaram feridas, porém, todas com ferimentos leves⁴⁴. De mortos, durante o combate, a historiografia existente sobre o assunto não é bem clara, posto que alguns autores registram a morte de um suposto soldado da Polícia Militar, enquanto outros não confirmam o fato. Diante disso está criada a polêmica. Trata-se do Soldado Luiz Gonzaga, hoje herói da Polícia Militar/RN, morto em combate aos comunistas em 1935, a quem todos os anos, a Polícia Militar do Rio Grande do Norte, promove um evento, que comemorando o fato e o ato de bravura de tal soldado, com uma parada militar, em praça pública, reunindo todas as autoridades do Estado, civil e militar, e inclusive representantes públicos da sociedade local. No próprio quartel da PM/RN, foi construído um Mausoléu, em reverência e honra ao herói de guerra. Pelo menos para a Polícia do Rio Grande do Norte esta é a História oficial.

Quanto a este fato, João Medeiros Filho, por exemplo, sustenta a idéia de que se tratava de um soldado da PM realmente, morto pelos insurretos. Tal afirmação inclusive, entra em acordo com registros da época encontrados nos arquivos da Polícia Militar. A respeito disso Medeiros ainda afirma:

⁴³ CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito.

⁴⁴ COSTA, H. Op Cit. p. 91

“Luiz Gonzaga foi alistado no Batalhão Policial do Estado do Rio Grande do Norte, juntamente com outros civis, no dia 31 de outubro de 1935”.

No Boletim Regimental, encontramos o seguinte:

“Comando do Batalhão Policial Militar do Estado do Rio Grande do Norte em Natal, 31 de outubro de 1935.

BOLETIM REGIMENTAL Nº: 3

Para conhecimento do Btl., e devida execução, publico o seguinte: (...)

IV - Alistamentos

De acordo com o art. 4 do Regulamento em vigor, nesta data, alistaram-se para servir neste Btl., os civis e reservistas abaixo.

(...) Civil – Luiz Gonzaga, filho de Manoel Gonzaga, nasceu em 1917, natural de Santana do Mattos, solteiro, cor morena, cabelos castanho, olhos castanhos, nariz afilado, boca regular, imberbe, rosto oval, analfabeto, vacinado, sem sinais particulares, sem ofício, não sabe nadar, com 1,55cm de altura, o qual fica agregado à Cia. de Metralhadoras, com o número de 1075⁴⁵”.

Medeiros ainda diz : Era ele um dos municidores da metralhadora a cargo do Tenente Pedro Vicente. Seu comportamento nessa função chamou a atenção dos presentes, que o Coronel Pinto Soares, comandante do 21 BC, reunido às forças da Polícia Militar disse: Esse rapaz é valente, mas é muito desbocado. É que o Luiz Gonzaga, toda vez que a metralhadora disparava, gritava para o inimigo, chamando-o de galinha verde, de filho disso e filho daquilo”.

Já João Maria Furtado, ex –juiz da Comarca de Baixa Verde, atual João Câmara, com base em depoimentos de rebeldes, no seu livro de memórias, confirma que: “realmente morreu nas proximidades do quartel da Polícia, um pobre demente que vivia perambulando pelas ruas de Natal, mas nunca fora soldado da Polícia Militar. Entretanto

⁴⁵ Registro do Boletim Informativo (Arquivo da PM)

o major Luis Júlio resolveu alistar depois de morto, Luiz Gonzaga como soldado da Polícia Militar do RN, que assim teve uma morte de herói⁴⁶”.

Homero Costa em seu livro sobre a Insurreição de 1935, em Natal, observa que nos dias subsequentes ao levante, o jornal oficial, A REPÚBLICA, não faz qualquer referência de morte de soldado da Polícia Militar⁴⁷.

A propósito, no dia 29 de setembro de 1985, o jornal O POTI publicou um artigo do jornalista Luiz Gonzaga Cortez, (parte de uma série de 19 artigos publicados entre os dias 26 de maio e 24 de novembro de 1985, intitulada “O comunismo e as lutas Políticas no Rio Grande do Norte na década de 30”) afirmando que houve uma adulteração no relatório da insurreição, no qual Luiz Gonzaga teria sido inscrito como soldado depois dos acontecimentos. Posto que no próprio relatório, entregue meses depois da Revolução, não consta o registro da morte de tal soldado. No dia 12 de outubro de 1985, o jornal publica uma carta do Sr. João Medeiros, Chefe de Polícia, na época, que reconhece ter adulterado o relatório, mas que o fez “de boa fé⁴⁸”.

Diante dos fatos que a história registra é necessário lembrar que sobre este aspecto, ou logo após a revolta de 1935, instalou-se no Brasil a política de ditadura. No ano de 1936, o Congresso aprovou todas as medidas excepcionais solicitadas pelo executivo. O estado de sítio foi prorrogado até junho de 1937. Em reforço a essas medidas foi instituída uma constante campanha anticomunista. Cresce a vigilância ideológica, o movimento passa a ser conscientemente e reformado e ridicularizado e dentro desse aspecto criam-se mitos e heróis, no sentido de alimentar o anticomunismo. Portanto, é perfeitamente cabível o que diz Giocondo Dias, sobre as comemorações do 27 de novembro, promovida pelos militares: “é uma absurda falsificação histórica, mas um elemento da indústria do anticomunismo⁴⁹”.

⁴⁶ FURTADO, J. M. Vertentes. p. 128

⁴⁷ COSTA, H. Op Cit. p.

⁴⁸ CORTEZ, L. G. Op Cit. p.

⁴⁹ DIAS, Giocondo. In CORTEZ, L. G. Op Cit. p.

“Eu matei o falso soldado Luiz Gonzaga, durante a Revolução de 1935⁵⁰”.

Sargento da Polícia Militar do Estado, Sizenando Filgueira da Silva, disse que participou dos combates da insurreição, principalmente no ataque ao quartel do Batalhão de Segurança, que durou 19 horas.

Ele não era herói, nem militar na época. Ele apenas era um débil mental, menor de idade, e deram-lhe um fuzil para acompanhar os que fugiam do quartel em procura da Base Naval. Depois que fiz a prisão do Major Júlio (Comandante do Batalhão da PM), e de um Coronel do Exército, eu olhava para a direita e vi quando ele estava procurando fazer pontaria para atirar. Antes que ele atirasse, eu atirei; só dei um tiro e ele caiu. Ele estava por trás de uma moita, no mangue, fazendo pontaria, vi que era para mim, a uns 80 metros de distância. O tiro foi no peito.

Depois de sido preso e liberado várias vezes por ter participado do movimento comunista de 1935, Sizenando diz que estranha o fato de ninguém ter sabido que foi o autor do disparo que matou Luiz Gonzaga, vulgo “doidinho”, conhecido hoje como mártir da PM/RN.

Finalizando, Sizenando diz ainda que o culpado de tudo, dessa história do herói Luiz Gonzaga, é o Dr. João Medeiros Filho, autor dos livros: Meu Depoimento e 82 horas de Subversão, os quais tratam do movimento de 1935, ano em que ele próprio era o Chefe de Polícia. “E que todos os anos fazem essas comemorações para refrescar a memória contra o comunismo. Fazem discursos para os comunistas serem odiados pela população⁵¹”.

Na transcrição do noticiário “A República”, de 29 de novembro de 1935, não apresenta registro que no combate entre revoltosos e defensores do Quartel das Polícia Militar, revelou um herói chamado Luiz Gonzaga.

O noticiário registra detalhes como a prisão de Chefe da Polícia, João Medeiros Filho; a enérgica reação sertaneja ao tomarem conhecimento da Revolução em Natal; a chegada de tropas do 20º Batalhão de Caçadores de Alagoas para reforçar a defesa do Estado; o restabelecimento do tráfego da Great Western e dos aviões, suspensos em virtude da Intentona extremista; fala também dos saques ocorridos no interior do Estado e por último o noticiário registra algumas mortes ocorridas durante a Revolução, porém, fora do combate Polícia Militar e revoltosos.

⁵⁰ SILVA, Sizenando Filgueira da. In Cortez

⁵¹ Ibid. p.

Em seguida Cortez em seu livro sobre a Revolução de 1935 em Natal, faz a seguinte observação:

Muito sintomático o fato do jornal oficial não registrar uma linha sequer, sobre o “herói” Luiz Gonzaga do BPM, morto em Natal, mas registrou um duplo assassinato – crime comum – em São Tomé, na região do Trairi do RN. Ora, se tinha morrido um herói, porque não registrá-lo? A resposta é insofismável: não houve vítima heróica no BPM, pois esse herói de araque foi criado depois. Por isso, a Polícia Militar do RN não possui sequer uma fotografia do suposto soldado Luiz Gonzaga de Souza⁵².

No que pese a base documental existente no quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, anexo a este trabalho, a qual diz respeito ao alistamento e falecimento de Luiz Gonzaga de Souza, trazendo algumas de suas características físicas e dados pessoais, datado de 1935, e ainda , se levarmos em consideração a oficialidade destes documentos, podemos afirmar que de fato existiu nas fileiras da Corporação, o soldado Luiz Gonzaga.

Porém, não é o que diz grande parte da historiografia existente sobre o assunto, a qual põe em dúvida a veracidade dos fatos, inclusive desses documentos, indagando, principalmente, sua existência e até que ponto Luiz Gonzaga foi de fato herói.

⁵² CORTEZ. Op Cit. p. 187

5.0 - CONCLUSÃO

O Movimento de 1935, analisado sob o aspecto golpista revolucionário, atentando para os fatos que a historiografia não evidencia, teve com certeza o reflexo do pensamento tenentista, pelo menos no que tange a ação e execução dos planos.

De certo que o modo como se deu o Movimento aqui em Natal e em outras partes do país, fugiu um pouco do ideal revolucionário do Partido Comunista, o que não isentou à responsabilidade dos acontecimentos, porém dada a conjuntura política e social em se encontrava o Estado, talvez tenha influenciado a real intenção do Movimento, até mesmo no caso da precipitação.

Luís Carlos Prestes, por ocasião do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil em 1954, onde faz uma autocrítica, diz: "já em 1935, apesar da justa orientação do Partido, procurando unir as mais amplas forças antiimperialistas e antifeudais (ANL), a influência do radicalismo pequeno burguês na direção do Partido, sob forma específica do chamado "golpismo tenentista", levou-nos a cometer o grave erro de precipitar a insurreição quando ainda eram débeis as nossas forças, quase inexistente a aliança operário camponesa.

Para triunfo da revolução popular é indispensável ganhar o apoio dos "soldados", mas reduzir a insurreição popular a uma luta armada nos quartéis era um erro que teria que levar, como levou, à derrota de 1935⁵³. Certamente não foi intenção de quem organizou, que o movimento se reduzisse aos quartéis, mas de fato, foi o que aconteceu e isso a História não nega.

Desta forma é coerente afirmar que o movimento, partindo dos quartéis, homens fardados lutando por um ideal político com anseios sociais emergentes, nos remete o pensamento a década de 20.

No cerne do movimento armado, de 1935, em Natal, estava a Polícia Militar do Rio Grande do Norte, participando de forma ativa dos acontecimentos. Sobre este fato, abro aqui um parêntese para ressaltar que a atuação da PM/RN, no movimento de 1935, foi de suma importância para a construção de sua história e porque não dizer para a História do Brasil. Tratando-se assim de um combate travado entre militares de ambos os lados, lutando por ideais diversos, mas eram ideais de homens imbuídos da missão de vencer. E que por conseguinte ocasionou a morte de Luiz Gonzaga, o qual sendo considerado herói ou não, o que se pode concluir após esta pesquisa, é que ele de fato existiu.

⁵³ COSTA, Homero. Op Cit. p. 14

6.0 – FONTES

I – Instituições:

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte LXVIII – LXIX – 1976 – 1977.

ARQUIVO DO DEPARTAMENTO DE PESSOAL DA POLÍCIA MILITAR DO RIO GRANDE DO NORTE

- Cópias de Documentos de Alistamento, Falecimento e Promoção do Soldado Luíz Gonzaga (anexo).
- Cópia da Revista Ação Policial ano VII – n.º 61 (anexo).

7.0 - BIBLIOGRAFIA

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República (1930-1960)**. 6ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1985. v.3.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo. Palas Athena 1990.

CARONE, Edigard. **A República Nova (1930-1937): Corpo e Alma do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Difel, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da República no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro. Val. 1965.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **A Revolução Comunista de 1935 em Natal: Relatos da Insurreição que gerou o primeiro sovieter nas Américas**.

COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia**. São Paulo: Ensaio; Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1995.

COSTA, Vandã. **Com rancor e com afeto: Rebeliões Militares na década de 30**. RJ: 1986.

FERREIRA, Anchieta José de. **Histórias que não estão na história**. 2ª edição. RN Gráfica e Editora: Natal: 1989.

FURTADO, João Maria. **Vertentes (memórias)**. Rio de Janeiro: Olímpia, 1976.

KEITH, Henry Hunt. **Soldados Salvadores: As revoltas militares brasileiras de 1922-1924**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1989. cap V.

MACHADO, Augusto. **A Caminho da Revolução**. RJ. Calvino: 1934.

MACHADO, João Batista. **De 35 ao AI - 5: Vivência de um repórter amador**.

MARIZ, Marlene da Silva. **A Revolução de 1930 no Rio Grande do Norte (1930-1934)**. Recife: 1982.

FILHO, João Medeiros. **82 horas de subversão**. (intentona comunista de 1935 no Rio Grande do Norte). Brasília: Senado Federal 1980.

MURICY, Antônio Carlos da Silva. **A guerra revolucionária no Brasil e o episódio de novembro de 1935**. Natal : Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1966.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. Ática. São Paulo: 1996. cap. 21.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Civilização brasileira. 1979.

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)**. Natal: UFRN/CCHLA, 1989.

SPINELLI, José Antônio. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar (1930-35)**. Natal EDUFRN. 1996.

VINHAS, Moisés. **O Partidão: A Luta por um Partido de Massas (1922 - 1974)**. São Paulo: Hucitec, 1982.

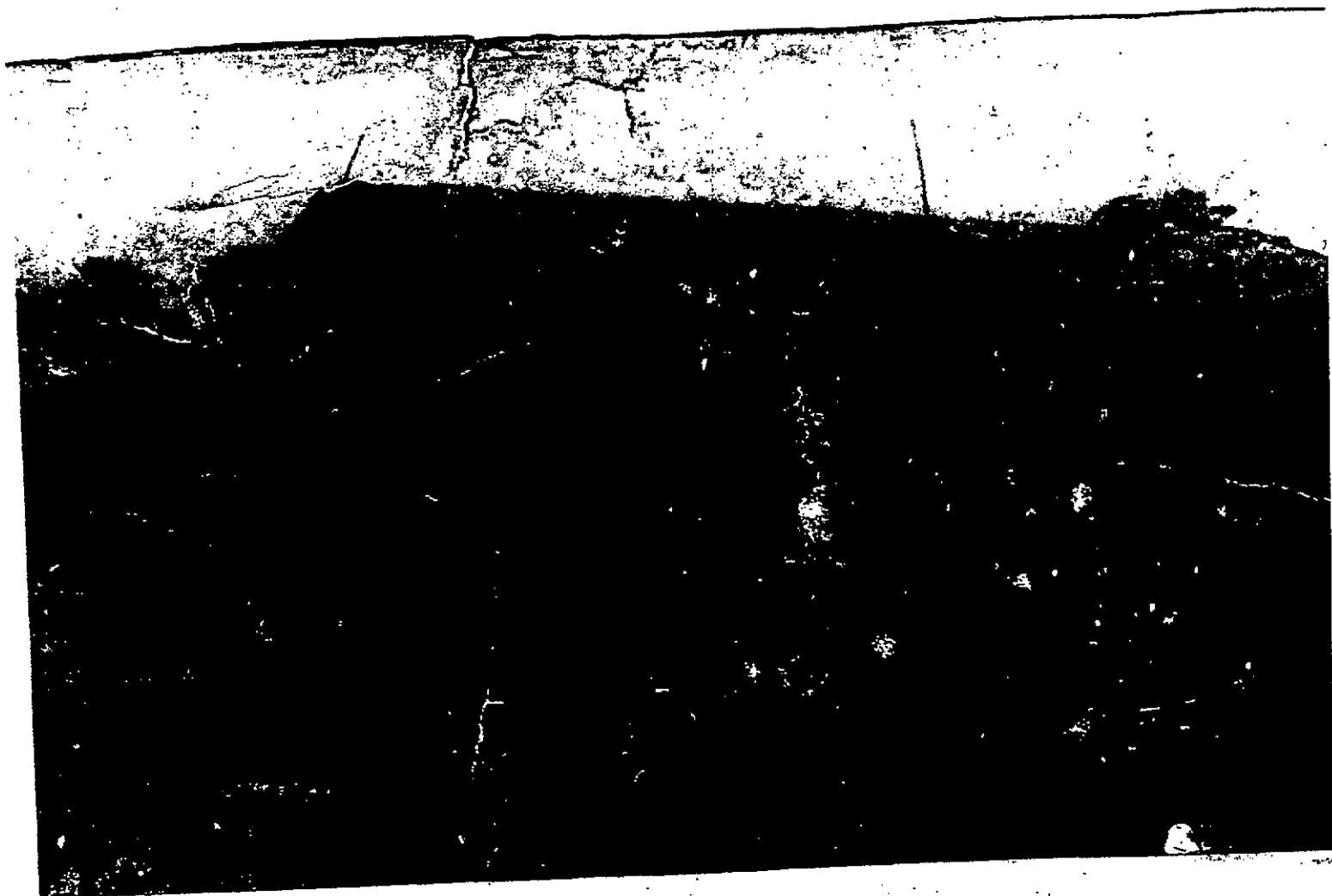
WANDERLEY, Rômulo C. **História do Batalhão de segurança (A Polícia Militar do Rio Grande do Norte, de 1834 a 1968)**. Natal: Walter Pereira. 1969.

8.0 - ANEXOS

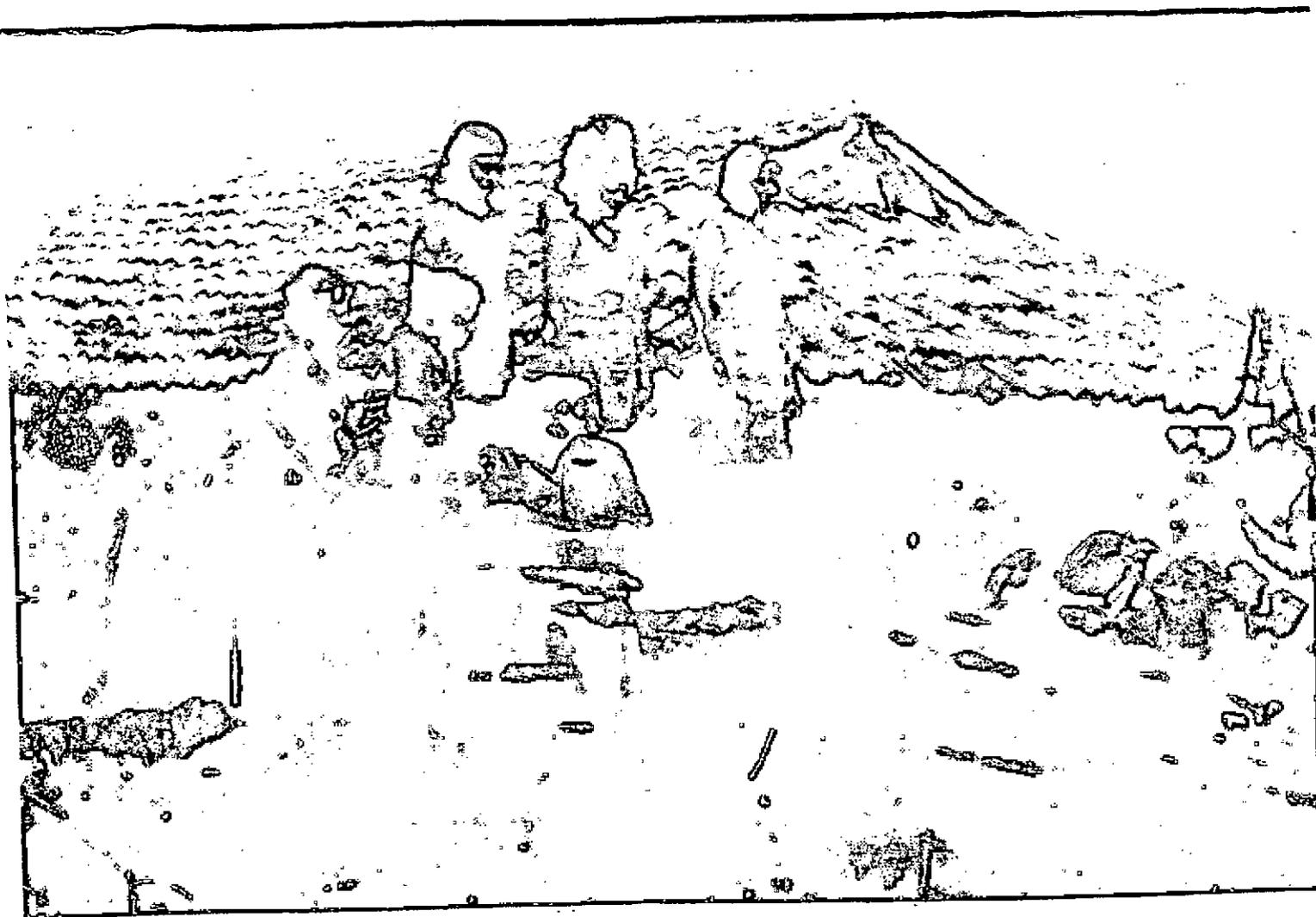




FOTOGRAFIA DO SOLDADO LUIZ GONZAGA (UMA ESPÉCIE DE DESENHO - TIPO
RETRATO FALADO) ÚNICO EXISTENTE NO QUARTEL DA POLÍCIA MILITAR RN



6 - CASA DO SOLDADO LUIZ GONZAGA, ONDE ELE PASSOU SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.



10 -- CUNHADOS, IRMÃOS E SOBRINHOS DO SOLDADO LUIZ GONZAGA.



Ten.-c.^{el} Luís Júlio

COMANDANTE DA POLÍCIA MILITAR NA ÉPOCA DA REVOLUÇÃO DE
1935.

[Handwritten signature]

Cont. do Bol. Res. nº 3 - (31-10-935)

1914
 1915
 1916
 1917
 1918
 1919
 1920
 1921
 1922
 1923
 1924
 1925
 1926
 1927
 1928
 1929
 1930
 1931
 1932
 1933
 1934
 1935
 1936
 1937
 1938
 1939
 1940
 1941
 1942
 1943
 1944
 1945
 1946
 1947
 1948
 1949
 1950
 1951
 1952
 1953
 1954
 1955
 1956
 1957
 1958
 1959
 1960
 1961
 1962
 1963
 1964
 1965
 1966
 1967
 1968
 1969
 1970
 1971
 1972
 1973
 1974
 1975
 1976
 1977
 1978
 1979
 1980
 1981
 1982
 1983
 1984
 1985
 1986
 1987
 1988
 1989
 1990
 1991
 1992
 1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000
 2001
 2002
 2003
 2004
 2005
 2006
 2007
 2008
 2009
 2010
 2011
 2012
 2013
 2014
 2015
 2016
 2017
 2018
 2019
 2020
 2021
 2022
 2023
 2024
 2025

Reservista de 1ª Classe - **JOÃO ALVES DE AZEVEDO**, filho de Luiz Antonio de Oliveira, nasceu em 1914, natural de Monte Alegre, deste Estado, casado, cor morena, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, analfabeto, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 57 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1067.

Reservista de 1ª Classe - **FRANCO ALVES DE AZEVEDO**, filho de Antonio de Alva Bezerra, nasceu em 1907, natural de São José da Taperoá, deste Estado, casado, cor morena clara, cabelos castanhos encaracolados, olhos averdeados, nariz e bocca regulares, usa barba e bigode raspados, analfabeto, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 56 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1068.

Reservista de 1ª Classe - **FRANCO ALVES DE AZEVEDO**, filho de Manoel Rodrigues da Silva, nasceu em 1901, natural de São José da Taperoá, deste Estado, casado, cor morena clara, cabelos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, sabe ler e escrever, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 69 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1069.

Reservista de 1ª Classe - **JOÃO BARBOSA DA SILVA**, filho de Natário da Silva, nasceu em 1918, natural de Monte Alegre, deste Estado, solteiro, cor morena clara, cabelos pretos crespos, olhos castanhos, nariz e bocca regulares, usa barba e bigode raspados, rosto oval, sabe ler e escrever, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, não sabe nadar, com 1 m. e 59 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1070.

Reservista de 1ª Classe - **JOSÉ DA COSTA**, filho de José Vicente da Costa, nasceu em 1917, natural de Pau dos Ferros, deste Estad., solteiro, cor morena, cabelos castanhos escuros, olhos castanhos, nariz grosso, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, sabe ler e escrever, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 61 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1071.

Reservista de 1ª Classe - **JULIO BARBOSA DA SILVA**, filho de João Barbosa da Silva, nasceu em 1913, natural de São José da Taperoá, deste Estado, solteiro, cor morena, cabelos pretos, olhos castanhos, nariz grosso, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, assigna o nome, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 63 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1072.

Reservista de 1ª Classe - **GONCALO ASTROGILDO TEIXEIRA**, filho de José Gomes Teixeira, nasceu em 1911, natural desta Capital, solteiro, cor branca, cabelos alourados, olhos castanhos claros, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, sabe ler e escrever, vacinado, sem sinais particulares, sabe nadar, TIPOGRAFO, com 1 m. e 62 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1073.

Reservista de 1ª Classe - **SILVEIRO MARTINS**, filho de Carlos Martins, nasceu em 1906, natural deste Estado, casado, cor branca, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto comprido, sabe ler e escrever, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 60 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1074.

Reservista de 1ª Classe - **LUIZ GONZAGA**, filho de Manoel Gonzaga, nasceu em 1912, natural de Santa Anna de Mattos, solteiro, cor morena, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, imberbe, rosto oval, analfabeto, vacinado, sem sinais particulares, sem officio, não sabe nadar, com 1 m. e 68 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1075.

DOCUMENTO QUE TRATA DO ALISTAMENTO DO SOLDADO LUIZ GONZAGA NA PMRN.

Mat. n.º 8/10/1/953

Cont. do Bo. Res. n.º 25 - (29-11-935)

Luiz Mádeiros, Antonio Gonçalves de Araújo Netto, Abel Alves de Olivei-
ra, José Paulino da Silva, José Paulo da Silva, Firmino Francisco de
Mello, José Fernandes do Pinho, Severino Barauna da Silva, Francisco Sa-
raiva, Manoel Felix Ribeiro, Anísio Dantas de Vasconcellos, Jo-
aquim Polycarpo, João Antonio Ananias Pereira, Antonio Rosendo Pires,
João Baptista, Assisimento, José Ananias Pereira e Antonio Gomes de A-
raújo.

- FALECIMENTO -

Faleceu quando, depois de esgotada a munição, sahia deste quartel,
o braço direito da Cia. de Metralhadora 1076, Luiz Gonzaga, vítima de
de dois tiros do inimigo.

- FERIDOS -

Os defensores deste quartel foram feridos o 1º ten. José Paulino
Pinheiro e o 2º ten. Gelsa Dantas Netto, soldados Antonio
Gervasio, Joaquim Barbosa, Manoel Ignacio de Sousa, Ma-
nuel Soares da Silva e o Cabo Severino Mendes.

- ELOGIO -

CAMARADAS: SE A LUGA NOS MAGUAS O CORAÇÃO POR TERMOS PERDIDO UM
BRATO, SE OUTROS COMPANHEIROS POR EFEITOS E SEU SANGUE EMOLMU
DE SONS, VAMOS SAIR PERTECANDO A NOSSA BRAVURA, HA NAO HA DEVIDA SCINTILAÇÕES
DE FORTALEÇA COM A VOA RESISTENCIA E FOI POR ISSO QUE O ESTADO IN-
FERMAS ESQUE AQUI VIVEMOS SA INTEMPERATA CORAGEM, COM O DENODO COM QUE REA-
DE PARAR A VELANDO PELA SEGURANCA DAS INSTITUIÇÕES DO ESTADO E QUITA

COM MUITA SATISFAÇÃO EM ELOGIAR VOS PELA BRAVU-
RA COMO VOS JOUVESTES NO PROLONGADO COMBATE EM DEFEZA DA LE-
GALDIA MANDA QUE SE AVERBE ESTE ELOGIO NO HISTORICO MILITAR DE CA-
DA UM DOS OFFICIAES E BRACAS QUE FIZERAM A DEFEZA DESTE QUARTEL, TOR-
NANDO ESSE ELOGIO EXTENSIVO AOS QUE SE BATERAM NO PELOTÃO MONTADO SOB O
COMANDO DO 1º TENENTE SEVERINO RAUL GADELHA E NA GUARDA DA DEFENÇÃO SO-
B O COMANDO DO 3º SARGENTO JOSÉ BRAZ, PELO MESMO IDEAL QUE NOS PERTENHA, SE-
JA O BEMDITO DA BANDEIRA NACIONAL.

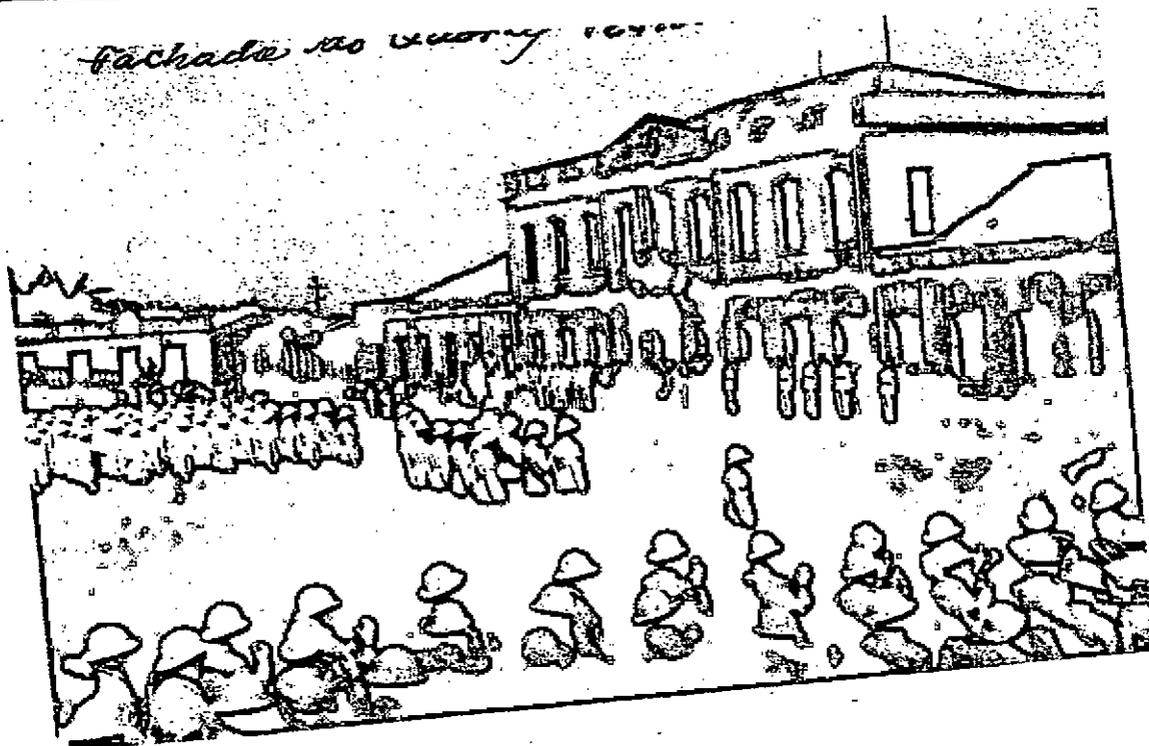
- TRANSCRICAO DE PARTES DE COMBATE -

- NO PELOTÃO MONTADO -

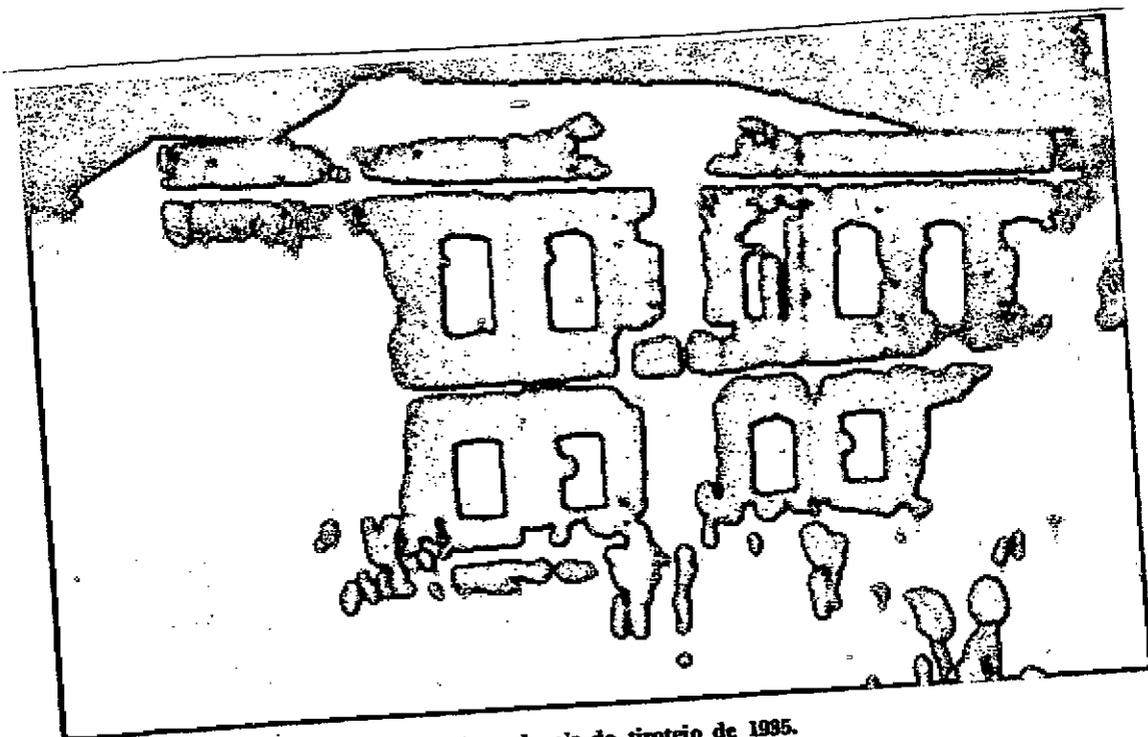
Batalhão Policial Militar - Pelotão Montado - Snr. Comandante
de Combate - PARTICIPO-VOS que no noite de 23 para 24 do corren-
te, por volta das 20 horas quando sahia da minha residência no Bairro de
Cidade, cerrado tiroteio por diversos pontos da cidade. Com o
Comandante do Pelotão Montado, no Tyrol, aperecebendo-me de gravidade
para imediatamente em companhia do soldado 1º 22
de Artilheiros, Antonio Amador, que no momento allí se encontrava
de Roberio Silva, a fim de assumir o commando da minha tropa, que
deixei imediatamente, mas ou menos as 20 e 30 horas, quando
chegamos ao quartel, já os 1º e 2º sgts. de Artilheiros
respectivamente, o 1º tenente



7 - FAMÍLIA DO SOLDADO LUIZ GONZAGA ASSISTINDO O TRANSFERO DE SEUS
DESPOJOS:



QUARTEL DA POLÍCIA - ANTES DO TIROTEIO DE 1935.



O quartel da Rua Presidente Passos, logo depois do tiroteio de 1935.



Oficiais da Polícia Militar em 1996

Sentados da esquerda para a direita:

Cap. Sólton Andrade de Araújo
 Cap. Laurentino de Moraes
 Cap. Joaquim Teixeira de Moura
 Maj. Jacinto Tavares
 C.º José Freire — Comandante-Geral
 C.º Luís Júlio
 Maj. Genésio Lopes

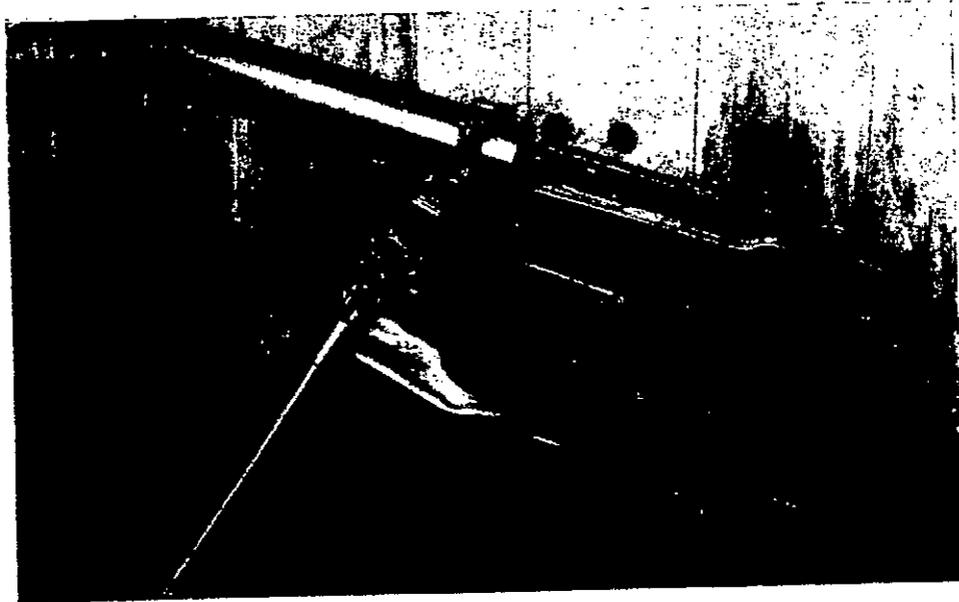
Ten. Juvenino Cabral
 Ten. Severino Raul Gadelha.
 Ten. José Bezerra de Andrade

De pé da esquerda para a direita:

Ten. João Marino de Carvalho
 Ten. Israel Cicero de Oliveira
 Ten. Gastão Andrade dos Santos
 Civil Prof. João Álvares de França
 Ten. Manuel Alves Freire
 Ten. Pedro Heráclito Pinheiro

Ten. Jovino Lopes da Silva
 Ten. Pedro Augusto Trindade
 Ten. José Fernandes
 Ten. Francisco Marinho de Carvalho
 Ten. Severino Elias
 Ten. Inácio Vale
 Ten. Francisco Germano Filho
 Ten. José Bastos
 Ten. Severino Bezerra de Andrade
 ** Ten. Pedro Vicente de Lima
 Ten. Luís César De Paiva

** A INDICAÇÃO DIZ RESPEITO AO TENENTE QUE TOMAVA DE CONTA DA METRALHADORA QUE COMBATEU OS REVOLUCIONÁRIOS EM 1935, O QUAL TINHA COMO MUNICIADOR O SUPOSTO SOLDADO LUIZ GONZAGA.



23

METRALHADORA QUE SERVIU EM 1935 PARA DEFESA DO QUAR_
TEL DA PM

teve no seu posto o 2º Sgt. Salatiel Rufino dos Santos, homem valente e decidido sobre todos os postos de vista.

Devo observar tambem que tinhamos apenas 9 fuzis, tendo um dos quaes se inutilizado nos primeiros tiros e os 8 restantes ainda não funcionavam bem. (a) Severino Raul Gadêlha, 1º ten. Comte.

Platoon Policial Militar - Pelotão Montado - Relação nominal praças que tomaram parte nos sucessivos ataques a este Pelotão, em defesa da legalidade, na noite de 23 para 24 do corrente: 1º Sgt. Manoel Alves Treira, 2º dito Salatiel Rufino dos Santos, Cabo Glicerio Isidoro Moraes, João Cardoso da Silva, Carino Rodrigues da Silva, (pertencente a Cia. de Marinadoras) e soldados: João Ferreira de Oliveira, José Manoel de Jesus, João Cassimiro de Figueiredo, Manoel Pereira dos Santos, Juvenal Paulino da Silva, Francisco Ferreira de Oliveira, João Luiz Silva, Francisco Ferreira de Oliveira, Hugo Luiz Targino da Silva, Antonio Vicente Thomaz de Araujo, Antonio Jose Treira, José Genonimo de Azevedo, Manoel Martins da Silva, Manoel José de Nascimento, Severino Bosa da Silva, José Felix de Lima, Antonio Amador, José Avelino Leitão e outros em total de 29 de novembro de 1935. (a) Severino Raul Gadêlha, tenente comandante.

Relatório do Policial Militar - Commando da Guarda da Casa de Detenção Naval, 29 de novembro de 1935. O Sr. Major Sub-Commandant Paulino E. - Levo ao vosso conhecimento, para os devidos fins, que quando me no commando da Guarda da Casa de Detenção Naval, na noite de 23 para 24 do corrente, fui atacado e obrigado a abandonar o posto do 21º B. Esta maré foi manobrada pelas 23 horas, tendo com a guarda sob meu commando reagido os atacantes, travou-se forte tiroteio, verificando depois uma hora de fogo, ter-se esgotado a munição, resolvei fechar o portão principal da casa de detenção para fazer uma recuada com a minha tropa, o que fiz com a maior difficuldade, visto já se achava minha força envolta de pelotas e canhões. Logo depois de ter conseguido a retirada dos meus homens pelas praças, seguimos com direcção ao Hospital, onde ficamos alguns minutos, tendo depois nos refugiados nos morros da praia, já tendo em caminho se debantado parte da força, tendo eu com o restante pernoitado alli, donde nos retiramos pela manhã do dia seguinte, seguindo cada um o seu destino.

Cumpremos tambem levar ao conhecimento de V. S., o grande auxilio que nos prestaram, nos presos da Unidade Jose Julia e Jose Soares, quando a nós se achavam proprias vidas em perigo, nos pobres soldados. O que se fez em Naval, 29 de novembro de 1935. (a) José Francisco Braz, 3º S. Comte da Guarda.

PROMOÇÃO

Promoveo, por acto de bravura, ao posto de cabo de esquadra, o soldado de Craçada Militarizado nº 1076 Luis Gonzaga, fallecido que foi heroi na omeação na defesa deste Chechil, no dia 24 do corrente, em omeação do levante comunista que rebou neste Estado.

INTERFERIA DA RAÇA

DEPARTAMENTO DE INTERIORES

Localidade: Estado de Pernambuco, município de Soledade.

PROMOÇÃO POR ATO DE BRAVURA, DO SD LUIZ GONZAGA.



Campanha de 1935 - (29-11-935)

EXCLUSÃO DE LUÍZ GONZAGA

Em virtude do falecimento de Sr. Luiz Gonzaga, o qual se encontra em estado de falecimento, o nome do Sr. Luiz Gonzaga não deve ser mencionado quando for mencionado o nome do Sr. Luiz Gonzaga, pois o nome do Sr. Luiz Gonzaga não deve ser mencionado quando for mencionado o nome do Sr. Luiz Gonzaga.

EXCLUSÃO DO SD LUIZ GONZAGA, POR FALECIMENTO.

HOMENAGENS FEITA PELA POLÍCIA MILITAR DO RN, ANUALMENTE POR OCASIÃO DA "INTENTONA CO

MUNISTA

a Polícia Militar Coronel Milton Freire.

aplaudido.

necessário tora delas.

Intentona Comunista de 1935 e o Herói Soldado PM Luiz Gonzaga



em guarda no mausoléu do Sd Luiz Gonzaga. Na solenidade cívico-militar realizada no mausoléu do Sd Luiz Gonzaga, a PMRN e as forças representadas pelo Exército Brasileiro, a Armada, a Marinha, a Aeronáutica, prestaram as honras de praxe ao morto durante o levante armado em novembro de 1935. A leitura da Ordem do Dia, foram lidos os nomes dos soldados que tombaram diante de um Inimigo

audacioso e bem armado. Cada nome que era lido, a tropa respondia presente, como gesto de gratidão e apreço por aqueles que honraram no cumprimento do dever pela causa que abraçaram. Logo em seguida o Cmt Geral e o Dr. Roberto Alves colocaram uma coroa de flores no mausoléu do nosso bravo

A Intentona Comunista

Foi uma insurreição político-militar promovida pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), em novembro de 1935, com o objetivo de derrubar o presidente Getúlio Vargas e instalar um governo socialista no Brasil.

Com o apoio de Prestes e contando com a adesão de simpatizantes aliancistas em importantes unidades do exército, o PCB prepara uma rebelião militar. O levante dos quartéis seria o sinal para uma greve geral e o início da revolução popular. A revolta começa precipitadamente nas cidades de Natal e do Recife, nos dias 23 e 24 de novembro. Em função dessa antecipação inesperada, os chefes do movimento apressam a mobilização no Rio de Janeiro para a madrugada do dia 27. O

3º Regimento de Infantaria, na praia Vermelha, e a Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos, são palcos das revoltas. Mas o governo está preparado e conta com a lealdade das Forças Armadas. Os rebeldes são encurralados pelas artilharias do exército e da Marinha e dominados rapidamente. A rebelião é derrotada no mesmo dia em que começa devido a falta de organização. Em todo o país, revoltosos e simpatizantes são perseguidos, seus chefes são presos, alguns torturados e mortos. Prestes fica na prisão até 1945. Sua mulher, Olga Benário, comunista e judia, é entregue pela polícia do Estado Novo à Gestapo, polícia política nazista, e morre em 1942 num campo de concentração da Alemanha nazista. Após a Intentona, o PCB é condenado à clandestinidade.

27 de Novembro é dia de cultuar o nosso Herói Sd Luiz Gonzaga

Nossa Homenagem a PMRN